

Andrea Pech¹

Quero contar-lhe uma história²

I want to tell you a story

Quiero contar-te una historia

Resumo

Este escrito é parte da pesquisa artística *Eu, você, elas, nós*, que aborda narrativas autobiográficas sobre amor entre mulheres. Por meio de performances e textos, reúno memórias, realizando uma reflexão acerca de meus relacionamentos passados e propondo uma relação com o espectador/participante/leitor. Neste relato, apresento uma das performances executadas, *Quero contar-lhe uma história*³, que trata de atrações afetivas, amorosas e sexuais. No encontro com um desconhecido, o desejo é colocado em questão: o que atrai em outro corpo? Qual é o corpo de uma mulher lésbica? Que histórias ela traz? Na contemporaneidade, a esfera do privado torna-se relevante, conferindo voz a minorias sociais. Tal estratégia é utilizada em obras que tornaram-se referências para a história da arte, das quais destaco *Todos com quem dormi de 1963 a 1995*, da artista britânica Tracey Emin – que reserva inclusive semelhança formal com meu trabalho –, *A balada da dependência sexual*, de Nan Goldin, *Cuide de você*, de Sophie Calle e a série de desenhos *Os dedicados*, de José Leonilson. Nestas obras de meios distintos, nota-se a ficcionalização da vida amorosa dos artistas. No decorrer de minha performance, a intimidade que proponho combate um constante apagamento de narrativas lésbicas, sugerindo possibilidades de exercer o amor como força política.

Palavras-chave: amor, autobiografia, performance, escrita de artista, estudos lésbicos.

Abstract

This essay is part of the artistic research *I, you, they, us*, which approaches autobiographical narratives about love between women. Through performances and texts, I gather memories, reflecting on my past relationships and proposing a relationship with the viewer/participant/reader. This report presents one of the performances, *I want to tell you a story*, which is about affective, loving and sexual attractions. By meeting a stranger, the desire is put in question: what attracts in another body? What is a lesbian's body? What stories does it bring? In the contemporary, the private becomes relevant by giving voice to social minorities. This strategy is used in works that have become art history's references. Examples include Tracey Emin's *Everyone I ever slept with 1963-1995* – which formally resembles my work –, Nan Goldin's *The Ballad of Sexual Dependency*, Sophie Calle's *Take care of yourself* and José Leonilson's drawing series *The dedicated ones*. These are diverse productions in which the artists make a fictionalization of their own love life. In the course of my performance, the intimacy proposed addresses a constant erasure of lesbian narratives, suggesting possibilities to perform love as a political force.

Keywords: love, autobiography, performance, artists' writings, lesbian studies.

Resumen

Este ensayo es parte de la pesquisa artística *Yo, tú, ellas, nosotras*, que aborda narrativas autobio-gráficas sobre amor entre mujeres. Por performances y textos, reúno memorias, realizando una reflexión sobre mis relacionamientos pasados y proponiendo una relación con el especta-dor/participante/lector. En este relato, presento una de las performances ejecutadas, *Quiero contar-te una historia*, que trata de atracciones afectivas, amorosas y sexuales. En un encuentro con un desconocido, el deseo es objeto de debate: ¿qué es lo que nos atrae en otro cuerpo? ¿Cuál es el cuerpo de una mujer lesbiana? ¿Qué historias ella tiene? En la contemporaneidad, el privado se torna relevante, dando voz a minorías sociales. Esta estrategia es utilizada en obras que se tornaran referencias para la historia del arte, entre las cuales destaco *Todos con los que me he acostado 1963-1995*, de la artista británica Tracey Emin – que se asemeja formalmente con mi trabajo –, *La Balada de la dependencia sexual*, de Nan Golgin, *Cuídese mucho*, de Sophie Calle, y la serie de dibujos *Los dedicados*, de José Leonilson. En estas obras de distintos medios, se nota la ficcionalización de la vida amorosa de los artistas. Durante mi performance, la intimidad que propongo combate un constante borramiento de las narrativas lésbicas, lo que sugiere posibilidades de ejercer el amor como fuerza política.

Palabras clave: amor, autobiografía, performance, escritura de artista, estudios lésbicos.

¹ Mestre em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com bolsa CAPES. Possui especialização em Ensino da Arte e graduação em Design pela UERJ. Artista, performer e educadora.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4810295341876453>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3666-2917>
Contato: pech.andrea@gmail.com

² Este texto foi escrito em fevereiro de 2018 como um relato inicial da performance *Quero contar-lhe uma história*, elaborada durante minha pesquisa no mestrado. Acrescento novos desdobramentos no capítulo 2 da dissertação, publicado na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UERJ. Disponível em: http://www.bdt.d.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=16175

³ Este relato refere-se à apresentação ocorrida dia 13 de janeiro de 2018 no Paço Imperial, durante a abertura da exposição coletiva *Flutuantes*, organizada como parte do programa *Imersões Poéticas da Escola Sem Sítio*, com coordenação de Marcelo Campos e Tania Queiroz.

Em uma tarde nublada e abafada de verão, chego no centro da cidade e adentro um dos pré-dios mais antigos da região, um espaço institucional. Deve chover mais tarde. No pátio daquele palacete, tantas vezes reformado para diferentes usos, pessoas começam a se reunir. Acompanham os acontecimentos do evento, vão prestigiar colegas e lamentar a ausência de bebidas – tradicional ritual social da classe artística. Atravesso o pátio, passando direto por todos. Sem óculos, não distingo os conhecidos dos desconhecidos (nem quero).

Entro no espaço expositivo e me dirijo a um canto onde a parede de pedra é repleta de Histórias, algumas das quais não nos devem ter contado. Trezentos anos de segredos.

A sala que ocupo é iluminada à meia-luz. O escuro impõe teatralidade. Alguns dias antes ha-via posicionado ali uma cama que criei para mim, e agora a observo como se esperasse dela uma resposta. Para que tanta exposição? No lençol que fora o fino colchonete de solteira (palavra curiosa para usar aqui), algumas frases foram impressas em letras serifadas em itálico, preto sobre branco, texto centralizado. Contemplo as decisões gráficas pela milésima vez. Talvez pareça mais uma poesia que uma lista, mas acho que isso não é um problema. São títulos que evocam personagens.

a mineira aquariana
 a caçadora de casais
 a nadadora hipster
 a popular do colégio
 a lesbian-chic das artes
 a bissexual argentina
 a sapa atleta
 a pesquisadora safada
 a compositora emo
 a fancha alfa do interior
 a girina bailarina
 a doutora em gênero
 a hétero desconstruída
 a insegura no armário
 a não-binária não-caminhoneira
 a virginiana punk
 a infiel do banheiro
 a bruxa cabeleireira
 a militante insensível
 a professora de artes gostosa

Tiro os sapatos. Estou vestindo apenas uma blusa de alcinha e um short curto, as duas peças pretas justas no corpo. Deito de lado, a cabeça na direita de um travesseiro comprido. Do lado esquerdo, lê-se *Deita comigo?* Uma cortina fina de *voil* branco transparente me separa das obras dos outros colegas. Ligo um gravador e o escondo debaixo do travesseiro.guardo.

Alguém entra na sala, vê meu rosto fantasmagórico através do *voil*. Acompanho seu olhar enquanto se aproxima. Convite a um encontro íntimo. É o primeiro participante do dia, que afasta a cortina pedindo passagem. Ele deita em minha cama, deita comigo. Seu corpo está próximo ao meu, nossos braços roçando como por aciden-

te. Explico que estou ali para contar histórias cujos títulos estão impressos na cama, cada um referente a uma mulher.

Escolha uma delas.

Palavras emergem ao ativar as memórias do primeiro contato que tive com determinada mulher. Descrevo minhas impressões desse outro corpo em suas particularidades, extensões e modificações: um corte de cabelo, um tipo de brinco ou sapato, uma tatuagem, uma postura tímida ou altiva, “feminina” ou “masculina”. Nessa descrição, busco entender o que atrai – entre tipos físicos e personalidades – recordando o instante do despertar de um desejo. Meu por ela, e dela por mim. Também comento sobre identificação: como e quando percebi que se tratava de outra mulher lésbica? Jogo com os estereótipos. O que define uma mulher lésbica, afinal? Nos perguntamos.

Um a um, participantes entram no meu espaço de intimidades. Cada um escolhe a personagem que considera mais atraente pelo título. Conto as histórias como se estivesse conversando com amigos – alguns amigos de fato participam, mas a maioria é de desconhecidos. Descrevo as horas que passei vendo fotos em aplicativos de relacionamento. Falo sobre a bailarina cujo olhar do palco cruzou com o meu, na plateia. Lembro dos sentimentos confusos de adolescentes e comento questionamentos de identidade de gênero de adultas. Revivo momentos de inseguranças, segredos que ficaram escondidos em banheiros femininos e bancos traseiros de táxis. Conto histórias que começaram em aulas de artes ou com uma troca de trabalhos. Letras de canções de amor que depois se tornaram sobre mim. Descrevo o olhar que desviava do meu, a voz que dissertava sobre filósofos franceses, o toque de metal da tesoura que cortava meus cabelos ao cheiro de incenso, a boca que lançou um primeiro beijo com tanta força que rasgou meus lábios. Encontros em bares, abandonos na chuva. Disparidades de desejos.

As narrativas apresentadas e a ação de deitar junto reservam um paralelo, reforçado pela própria cama como elemento simbólico. Enquanto relembro minha primeira interação com aquelas personagens, experimento o primeiro contato com um desconhecido. Ofereço-me ao seu olhar, ao seu julgamento sobre minhas vivências. Também o percebo. Meu próprio modo de falar e minha expressão corporal podem ser alterados dependendo de como o vejo. Em nossa breve conversa, por meio de uma intimidade que é compartilhada, podemos nos sentir próximos. Cada participante passa em média dez minutos comigo. Seriam suficientes para se criar uma relação? O retorno que recebo durante a performance aponta nessa direção.

As reações à minha fala são distintas: alguns me olham nos olhos, outros fitam o teto; alguns lançam interjeições de surpresa ou graça, outros permanecem em silêncio. Um rapaz parece se excitar, um desconfia da minha história. Ninguém ultrapassa o limite do aceitável ou me desrespeita, apesar de diversas mulheres me perguntarem se tinha medo de ser assediada ali. Muitos fazem perguntas, querendo saber mais sobre a história ou mesmo sobre a personalidade das mulheres. Uma participante chega a adivinhar: *é geminiana!* Não se prendem ao jogo verdade/ficção. Ficam frustrados quando consideram que fui magoada, se no seu julgamento erraram comigo, e se emocionam quando acreditam que fui feliz em um relacionamento. Alguns se

identificam e então me presenteiam com suas próprias histórias de amor.

Vários participantes sentem também a necessidade de comentar o trabalho, a poética da ação. Apontam que estou ali para compartilhar intimidades. *Não apenas pelas histórias que você conta, mas por você ter escolhido esse lugar aqui, essa cama, deitar com alguém é mui-to íntimo.*¹ Acreditam que as narrativas que divido, tão invisibilizadas, não são muito diferentes das suas. *Todo mundo tem uma cama dessas na vida, as histórias são outras, os amores são outros, mas todo mundo tem.*² A maioria agradece no final. Agradece pela disposição à troca, pela abertura. Agradeço também, pelo tempo dedicado à escuta e pelo retorno que recebo. Revivemos encontros passados e, ao mesmo tempo, vivenciamos juntos um novo momento de afeto. *A gente se faz no encontro com o outro.*³ Cada troca é única.

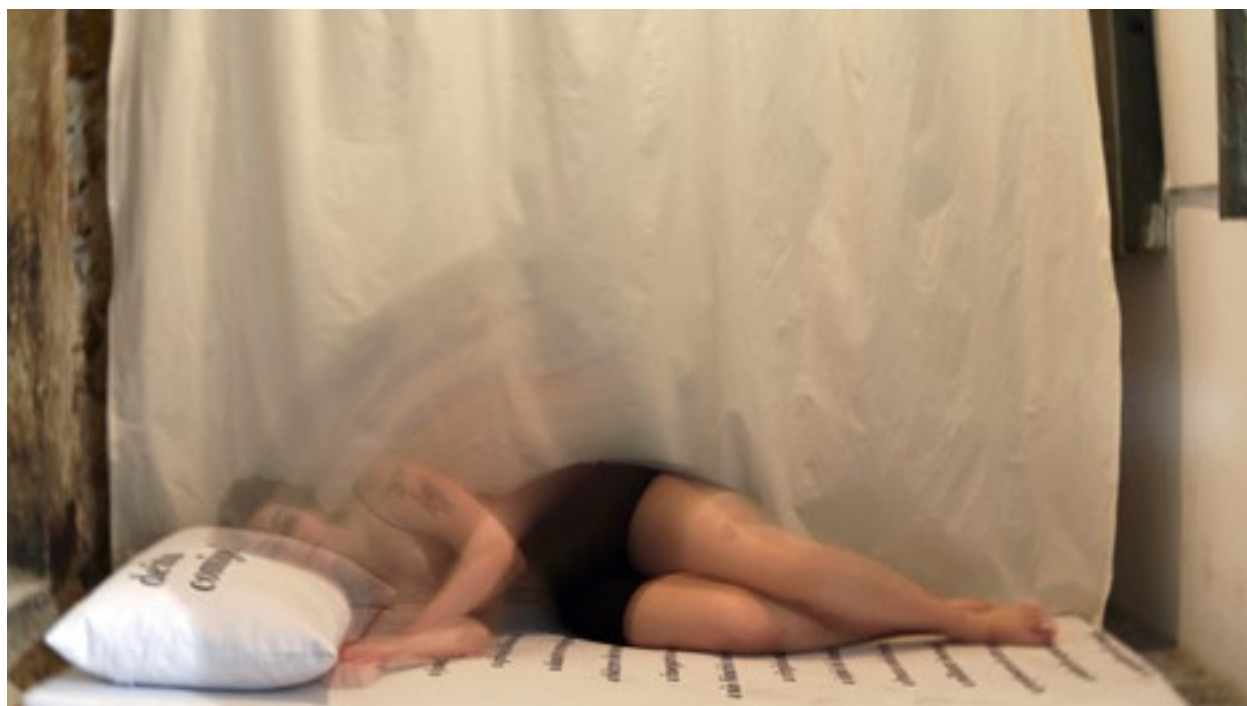
São muitos rostos, corpos, histórias. Repito as mesmas narrativas de formas diferentes de-pendendo do meu interlocutor. Conforme passa o tempo, as palavras se embaralham. Amores se confundem. Ao término de quatro horas, sou abordada por uma colega dizendo que é hora de encerrar, pois a instituição vai fechar. Estou exausta. Uma energia toma todo o meu corpo com uma quantidade enorme de diálogos reverberando. Levanto e bebo água por fim. Ainda tem de haver disposição para conversar no bar.

Desligo o gravador, dispositivo que me permite o registro das falas. Optei por não fotografar a ação, por acreditar que esta deveria ser privada. Na segunda-feira, coloco um aparelho com fones de ouvido brancos, onde tocam as gravações. Assim, os visitantes do museu podem ouvir minhas histórias de amor e as conversas que se deram durante a performance. Meu corpo físico retira-se daquele espaço, mas minha voz, a voz do outro e a cama que designa meus amores permanecem como seus vestígios.

¹ Fala de uma participante durante a ação.

² Fala de uma participante durante a ação.

³ Fala minha durante a ação.



Fotos: Bárbara Bergamaschi

Submetido em: 06/04/2018
Aceito em: 21/10/2019